
ENCONTROS MARCANTES

A SORTE, A HONRA E A FELICIDADE DE TER CONHECIDO ALBERTO¹

Elisée Soumonni²

Em Alberto da Costa e Silva a diplomacia e a erudição estavam intimamente ligadas, quase como sinônimos. Eu conheci o erudito, o pesquisador, o historiador da África e de sua diáspora antes de descobrir o diplomata emérito, admirado e respeitado por seus colegas e por todos aqueles que o conheceram, ou foram seus colaboradores, de uma forma ou de outra, no Brasil e fora do Brasil. Foi uma sorte, uma honra e uma felicidade para mim de ter convivido com esses dois lados de um homem de cultura e *expert* das relações entre Brasil e África antes, durante e depois do tráfico negroiro.³

Nossos trinta anos de amizade impactaram positivamente a evolução de minhas perspectivas de pesquisa e minha carreira acadêmica; também me permitiram apreciar o calor humano, a humildade e a simplicidade características de sua personalidade. Por isso me é difícil exprimir, nos limites desse breve depoimento, toda a gratidão que lhe dedico e que dedico igualmente a Vera, sua esposa, que o precedeu no rumo ao outro lado. Os motivos evoco a seguir.

1 Tradução do francês de Mariza de Carvalho Soares.

2 Historiador, era professor aposentado da Université Abomey-Calavi, República do Benim, quando da escrita deste texto. Dono de profícua produção, Soumonni faleceu em 02 de novembro de 2024 – NE.

3 No original é usada a expressão francesa “deux casquettes”, ou dois bonés – NT.

O contexto de meu encontro com Alberto

Como destaquei acima, conheci o historiador da África antes de descobrir o diplomata que era. Isso se deu através de um projeto internacional de pesquisa sobre um tema de nosso interesse comum: o impacto e as consequências múltiplas e pluridimensionais do tráfico transatlântico na África e nos dois outros continentes envolvidos no tristemente célebre comércio triangular. A rede desse projeto, primeiro conhecido como “Nigerian Hinterland Project”, hoje Harriet Tubman Institute, tem sua sede no Canadá, mais precisamente na York University, em Toronto. O projeto, criado por Paul Lovejoy, que foi seu diretor por muitos anos, se inspirou na grande iniciativa da Unesco, o projeto “A Rota do Escravo”, lançado em Uidá em setembro de 1994. Foi no quadro dos eventos acadêmicos organizados por essa rede de pesquisadores que incluía Canadá, Estados Unidos e Brasil que me lembro de ter encontrado Alberto pela primeira vez, no final do século passado.

Meu contato com ele foi facilitado por dois fatores: a língua e meu campo de pesquisa. O francês, para o qual ele era um perfeito interlocutor, foi um canal privilegiado, via incontornável de nossas trocas. Na época eu me sentia desconfortável com o inglês, principal língua de comunicação no seio da rede. O segundo fator, provavelmente determinante, foi minha pesquisa centrada na história do Daomé no mundo atlântico, tema pelo qual ele não tardou a manifestar interesse.⁴ Os dois fatores explicam largamente nossas conversas nos intervalos das sessões dos encontros acadêmicos. Foi assim que descobri tudo que podia aprender com ele. Sua *expertise* sobre o Daomé, reino da Costa dos Escravos, ilustra o íntimo laço entre o diplomata e o pesquisador sublinhado na minha introdução.

Alberto da Costa e Silva foi um dos primeiros embaixadores do Brasil na Nigéria (1979-1983), nos vinte anos que se seguiram às independências da maior parte das antigas colônias europeias na África, nos anos

4 Elisée Soumonni publicou vários textos no Brasil, entre eles, *O Daomé e o mundo atlântico*, Rio de Janeiro: SEPHIS/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001 – NT.

de 1960.⁵ Sua missão cobria também a então República Popular do Benim (hoje República do Benim), onde ainda não existia uma embaixada brasileira. Obviamente, Alberto não passou esses anos dedicado unicamente às atividades diplomáticas ou protocolares. Ele aproveitou para recolher preciosas informações sobre a história e as culturas da costa oeste africana de onde partiram, ao longo de quase quatro séculos, milhões de africanos escravizados em direção às Américas, em particular ao Brasil.

Daomé: domínio de pesquisa e colaboração acadêmica

O papel do Daomé e do porto de Uidá nessa triste história é bem conhecido, o que justifica o retorno ao tema neste depoimento dedicado a Alberto. As relações do antigo Daomé com o Brasil tem uma significação particular. Se Portugal teve papel pioneiro na exploração da costa oeste africana, foi o Brasil, sua imensa colônia da América, que ali deixou marcas indeléveis, notadamente na paisagem urbana de Uidá e na memória coletiva de sua população. A missão diplomática de Alberto da Costa e Silva na Nigéria e no Benim lhe permitiu não somente constatar, mas também recolher preciosas informações orais e escritas que deram destaque à importância de seu olhar cruzado sobre as relações entre o Brasil e a África, numa perspectiva histórica de longa duração. Dele, destaco seus dois grandes livros: *A enxada e a lança* (1992), sobre a África antes dos portugueses; e *A manilha e o libambo* (2002), sobre a escravidão africana de 1500 a 1700. Lembro ainda suas publicações sobre os brasileiros em Lagos (1989) e a brilhante ilustração do célebre mercador de escravos Francisco Félix de Souza, em Uidá (2004).⁶

5 Costa e Silva foi o quarto embaixador do Brasil na Nigéria, e nos intervalos dessas nomeações, entre 1961 e 1979, a embaixada foi dirigida por encarregados de negócios – NT.

6 Alberto da Costa e Silva, “Lembranças de Lagos” in Alberto da Costa e Silva, *O quadrado amarelo* (São Paulo: Imprensa Oficial, 2009); Alberto Costa e Silva, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

Antes de 2003, quando passei uma temporada acadêmica na Universidade Federal Fluminense (UFF), meu conhecimento sobre o papel do Brasil no tráfico transatlântico e suas relações com a África era inteiramente dependente das publicações francesas e inglesas, e de textos em português traduzidos para essas duas línguas. Poucas instituições escolares e universitárias dos países africanos não lusófonos têm a língua portuguesa em seus currículos. Disso resulta que a imensa massa de fontes documentais dos arquivos brasileiros sobre a África é praticamente desconhecida dos pesquisadores africanos. Se consegui me libertar dessa deficiência e ler textos e documentos em português, foi porque Alberto e sua esposa desempenharam um papel determinante nessa mudança.

Em Lagos para o visto de entrada no Brasil

Se a iniciativa de minha visita à UFF surgiu através do já mencionado Nigerian Hinterland Project, ela certamente não teria se concretizado sem a contribuição discreta e eficaz do diplomata Alberto. Para a maior parte dos africanos, a obtenção de um visto de entrada no Brasil, mesmo para uma curta permanência, não é coisa fácil. O processo é ainda mais difícil no caso de uma permanência prolongada, como a por mim pleiteada. Entre as muitas condições exigidas, é necessário apresentar uma substancial conta bancária que comprove poder o visitante arcar com sua estada no país. O dossiê por mim apresentado ao consulado teria sido certamente recusado se eu precisasse atender a essa condição. Minha conta bancária na época, como ainda hoje, estava longe de fazer de mim um visitante confiável. Felizmente, prevendo as dificuldades – e sem me avisar – Alberto teve o cuidado de levar meu caso ao embaixador do Brasil em Lagos. A mim, disse apenas que, caso a chancelaria alegasse que meu dossiê estava incompleto, eu deveria dizer que o embaixador estava informado sobre o caso. Foi o que fiz ao chegar.

Diante de tal informação, a secretária não teve outra escolha a não ser informar o embaixador da minha presença na recepção. Ele me fez subir até seu gabinete com meu dossiê e mandou servir um bom café brasileiro. Passamos mais de uma hora conversando e o embaixador, cheio de elogios para Alberto, insistia sobre a admiração e o respeito que tinha pelo brilhante diplomata e por seu senso de humanidade. Sem que eu soubesse, enquanto isso, os serviços competentes da embaixada se ocupavam do meu visto, mandando um agente ao banco da vizinhança para pagar as taxas devidas. Saí do gabinete do embaixador com um visto de um ano para o Brasil, com múltiplas entradas, e voltei a Cotonou no mesmo dia. Um verdadeiro feito! Esse precioso visto tinha para mim um duplo valor: a entrada no Brasil e a inserção em uma comunidade acadêmica universitária, onde meu horizonte e perspectivas de pesquisa acadêmica iriam assumir uma outra dimensão.

A inesquecível experiência na UFF

A estada na UFF ao longo do ano acadêmico de 2003 e a residência na cidade do Rio de Janeiro me permitiram aprofundar o contato com Alberto e tecer com ele sólidos laços de amizade. Graças a ele, no meio acadêmico brasileiro, esses laços se expandiram para muito além do Estado do Rio de Janeiro. Sobre isso devo dizer algumas palavras. No Rio e na UFF, a primeira deficiência a ser superada era a língua portuguesa, na qual eu não tinha habilidade escrita e, nem ao menos, oral. Minha salvação viria não de Alberto, mas de sua esposa, que eu ainda não conhecia. Poliglota, Vera era uma excelente tradutora de livros e outros documentos em inglês, francês, espanhol e português. Ela se colocou graciosamente à minha disposição para me dar aulas semanais de português, em sua casa. Guardo ainda como lembrança o manual de gramática e leitura que ela me ofereceu, assim como o caderno de exercício com deveres de casa que me obrigava a fazer. Não se cansava de me felicitar pelo meu progresso na compreensão e na

redação de textos em português. E dizia que não entendia minha timidez e hesitação em utilizar o que eu sabia na conversação, me encorajando a fazê-lo sem me preocupar com as eventuais incorreções e com a pronúncia ruim. Devo confessar que não segui essa recomendação, podia facilmente recorrer ao inglês e ao francês nos contatos cotidianos com colegas e estudantes. Por outro lado, ter uma base sólida e durável para leitura me ajudou enormemente na pesquisa, permitindo que eu prescindisse de recorrer todo tempo a dicionários.

Na UFF, minha integração ao meio acadêmico foi mais fácil do que eu esperava. Alberto, direta e indiretamente, contribuiu para isso. Os colegas mais próximos eram seus amigos, associados ou *protégés*.⁷ Todos se tornaram meus amigos, e com eles mantenho contatos nunca rompidos. Ismênia, Hebe, Paulo, Mariza e outros são nomes e lembranças que provavelmente nunca esquecerei.⁸ Paulo me foi duplamente útil. Como eu ainda não podia assumir sozinho as aulas em português, eu falava em francês, ele me traduzia para os estudantes. Também nas minhas horas livres, ele era meu companheiro e guia turístico. Ao lado de minha esposa e meu filho que me visitaram, me fez descobrir as maravilhas da região de Petrópolis. Mariza me cedeu seu apartamento durante minha permanência no Rio. Ali residi, enquanto ela estava nos Estados Unidos, por mais de seis meses. A riqueza de sua biblioteca ajudou enormemente na preparação de minhas aulas. Nossa colaboração tem sido constante. Ao lado de Alberto, Mariza merece uma menção especial. Fui com ela pela primeira vez à casa de Alberto. Ela estava também sempre presente nos almoços e jantares para os quais ele me convidava, quando íamos à Churrascaria Majórica, seu restaurante preferido. O local era um espaço onde o útil e o agradável

7 No original, *protégés*. A tradução literal “protegido” não exprime o significado do termo em francês, que corresponde a uma pessoa treinada, orientada por outra, em decorrência de sua experiência e proeminência em determinada área acadêmica ou artística – NT.

8 Ismênia de Lima Martins, Hebe Mattos, Paulo Knauss e Mariza Soares, todos professores do Departamento de História da UFF – NT.

andavam de mãos dadas e onde a qualidade do *menu* fazia par com nossa preciosa troca intelectual.

Do Rio a Salvador

Alberto era conhecido em todo ambiente universitário brasileiro, notadamente entre aqueles que se interessavam pelas relações entre o Brasil e a África. Nesse contexto, a Bahia era de grande interesse para mim. O antigo reino do Daomé, situado na costa oeste africana, era familiar a todos que se interessavam pelo tráfico negreiro transatlântico. A notoriedade de Uidá, seu principal porto no comércio com as Américas, era bem conhecida. Uidá foi o segundo porto em número de emigrantes forçados africanos, depois de Luanda; a Bahia estava entre os principais destinos desses embarcados. Ao longo do século XIX, notadamente depois de 1835, Salvador foi o principal porto de embarque dos “retornados”, africanos e seus descendentes que tinham como destino a costa oeste africana. Em Salvador, dois pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) se tornaram amigos próximos e preciosos colaboradores no estudo dos múltiplos impactos desse movimento de pessoas e bens entre os dois lados do Atlântico: Luis Nicolau Parés e João José Reis, ambos ligados a Alberto.

Antes de minha estada no Rio e em Salvador, era através de Pierre Verger que eu acessava, em francês, as fontes portuguesas e brasileiras sobre a história do antigo reino do Daomé e do porto de Uidá. Seu *Flux et reflux de la traite des nègres* era meu *vade-mecum* de estudo e pesquisa sobre o tema que iria ritmar toda minha carreira universitária.⁹ Através de Alberto e Luis, fui introduzido aos arquivos dos estados do Rio e da Bahia, respectivamente. A frequência regular a esses arquivos me confirmou a riqueza dos documentos relativos aos africanos dos Golfo da Guiné aí existentes.

9 Pierre Verger, *Flux et reflux de la traite des nègres entre le Golfe de Bénin et Bahia de Todos os Santos du XVII^e au XIX^e siècle*, Paris: Mouton, 1968.

No Rio, Alberto me serviu pessoalmente de guia pelas galerias e estantes da biblioteca e do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma mina com tesouro inestimável de documentos e informações. Fiquei impressionado com a diversidade e a riqueza da biblioteca do Instituto, assim como dos documentos manuscritos, a maior parte deles não disponível, mesmo que sob a forma de traduções, nos centros de documentação europeus que conheço. Diante da minha surpresa, Alberto me fez ver que as fontes documentais brasileiras não são conhecidas e exploradas porque a língua portuguesa não tem a abrangência da inglesa. Eu só podia estar de acordo com ele. Depois desse dia me tornei um visitante regular dessa biblioteca. Por ter sido a ela introduzido e recomendado por Alberto, os funcionários me dispensavam uma acolhida calorosa e especial atenção. As informações por mim ali coletadas ainda hoje me são úteis para meu trabalho de pesquisa e atualização de antigas publicações.

Guardo ainda vivo na memória o que vi sobre a Revolta dos Malês, em 1835, em particular o pequeno talismã usado pelos muçulmanos insurgentes sobre o qual estavam gravados trechos do corão. Alberto me explicou que durante a repressão e as buscas que se seguiram à revolta, qualquer um que portasse um documento em árabe era considerado membro ou cúmplice da rebelião. Fiquei impressionado com esse diminuto talismã porque era o símbolo crucial, embora não exclusivo, do fator islâmico na revolta. Bem antes de minha chegada à UFF, eu já havia me dado conta dessa importância, mas o fato ainda não tinha merecido minha atenção enquanto objeto de pesquisa, e tampouco da maior parte dos pesquisadores.¹⁰ Essa lacuna na historiografia do tráfico negreiro e de suas consequências foi destacada em uma das *conferences* do Nigerian Hinterland Project, que aconteceu na Emory University, Atlanta, em 1998. Na ocasião, a comunicação de Alberto Costa e Silva, original e muito apreciada, teve por tema a venda de alcorões na cidade do Rio de Janeiro, no século XIX. Outras comunicações, em particular as de Olabiya

10 Entre as exceções, a reconhecida obra de João José Reis, *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*, 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Babalola Yai, Robin Law, João Reis e a minha, deram destaque ao fator islâmico no processo de retorno dos africanos do Brasil para a costa do Daomé, e ao surgimento das comunidades agudás.¹¹

Já fora do Rio, seis anos mais tarde, sem que esse tempo tenha provocado qualquer descontinuidade, voltei a Salvador para outra etapa de minha experiência acadêmica no Brasil através de uma temporada na Universidade Federal da Bahia. Lá, como no Rio, encontrei colegas e amigos ligados a Alberto, João José Reis e Luis Nicolau Parés. Esse último desempenhou na UFBA o papel que Mariza Soares teve por ocasião de minha integração à UFF. Se minha memória é boa, foi em 2009 que Luis me convidou para ir à Bahia, onde fiquei vinculado ao Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da UFBA para, junto com ele, durante um semestre, organizar um curso direcionado aos estudantes da universidade intitulado “História e identidades étnicas na Costa dos Escravos”. Assim como na UFF, foi uma experiência apaixonante, com uma diferença. Na UFF, ministrei um curso de Introdução à história da África para alunos de graduação em História cujo conhecimento sobre o continente africano, na maior parte das vezes, era limitado aos aspectos afro-brasileiros da história. Por outro lado, era um público amplo, curioso sobre suas raízes africanas e sobre aspectos das culturas africanas no Brasil. No CEAO, o curso foi destinado a estudantes de mestrado e doutorado, já conectados com seus objetos de pesquisa. Tinham outro nível de qualificação e experiência profissional e um conhecimento relativamente sólido sobre a região e uma ideia mais clara sobre os temas tratados. O contrato com a UFBA previa, ainda, remuneração por minha pesquisa sobre o tráfico atlântico no Estado da Bahia e por conferências em instituições acadêmicas locais. A *expertise* e a disponibilidade de Luis foram de uma eficácia inestimável na conduta dessas atividades.

11 Trabalhos apresentados nessa *conference* foram publicados em Kristin Mann e Edna G. Bay (eds.), *Rethinking the African Diaspora: The making of a Black Atlantic World in the Bight of Benin and Brazil*, Londres: Frank Cass, 2001.

Uma colaboração de pesquisa acadêmica proveitosa

Devo dizer algumas palavras sobre o impacto dessas experiências acadêmicas, não apenas para a evolução de minha carreira profissional, mas também, e sobretudo, para a colaboração de pesquisa com meus colegas do Rio de Janeiro e de Salvador, notadamente sobre os retornados do Brasil para a costa do Daomé/Benin desde o século XIX. Mariza e Luis conheciam bem o Benim antes de minha vinda para Brasil. Eles tinham estado aqui em 2001, em companhia de João Reis e Milton Guran, para participar do Colóquio da Rota do Escravo em Porto Novo, em parceria com a L'École du Patrimoine Africain, que tratou da importância do patrimônio afro-brasileiro na Baía do Benim. Essa participação, devo sublinhar, foi possível graças ao discreto apoio e eficácia de Alberto. Desde então, Luis e Mariza voltaram ao Benim várias vezes, sempre no quadro de seus projetos de pesquisa e colaboração com seus parceiros no Benim, e sempre com resultados positivos.

Mariza iluminou o conhecimento sobre a interação entre Daomé e Portugal, através dos presentes enviados a dom João, então príncipe regente de Portugal residente no Brasil, pelo rei Adandozan do Daomé. Esses presentes foram conservados no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Essa pesquisa mereceu destaque no meio acadêmico do Benim graças à sua elogiada comunicação por ocasião do *Colloque sur le roi Adandozan (1797-1818)*, na Université d'Abomey-Calavi, em março de 2014. Infelizmente, os presentes se perderam por ocasião do incêndio que devastou o Museu Nacional em 2018. Por sorte, ou destino, antes disso eu tive a chance de admirar a coleção depois perpetuada em seu livro, *A coleção Adandozan do Museu Nacional*.¹²

Luis veio várias vezes ao Benim, sobretudo a partir de 2010. Naquele ano, no quadro de intercâmbios das universidades do Sul, através do South-South Exchange Programme for Research on the

12 Mariza de Carvalho Soares, *A coleção Adandozan do Museu Nacional. Brasil-Daomé, 1818-2018*, Rio de Janeiro: Mauad, 2022.

History of Development-SEPHIS, ele ofereceu uma série de palestras no Benim, Togo e Gana sobre as relações entre a Costa dos Escravos e o Brasil. Os ecos dessas apresentações foram muito além dos anfiteatros universitários onde elas se realizaram. Esse foi, em particular, o caso de Agouê, lugar de desembarque de um número significativo de retornados do Brasil, ao longo do século XIX. Libertos célebres aí desembarcaram com seus dependentes quando, depois da rebelião de 1835, o ambiente sócio-político ficou hostil para os libertos africanos em todo o Brasil e, particularmente, na Bahia. O interesse suscitado pelas informações fornecidas por Luis sobre as redes sociais e os lugares de culto dos retornados no Brasil foi imenso. A audiência composta por universitários, membros do clero católico, imãs e adeptos das religiões tradicionais dos três países visitados se mostrou altamente mobilizada pelos temas tratados. Dada a particular notoriedade e impacto da história de Joaquim d’Almeida, um dos principais líderes do movimento dos retornados do Brasil, por ocasião do evento realizado em Agoué, Luis decidiu aprofundar sua pesquisa sobre essa figura emblemática. Seu trabalho de mais de dez anos foi coroado de sucesso com a publicação, em 2024, do fortemente documentado livro *Joaquim de Almeida: a história do africano traficado que se tornou traficante de africanos*.¹³ Bem antes dessa publicação, a conferência de Agouê tinha aberto uma perspectiva de pesquisa de longa duração sobre as comunidades agudás do Benim, com a criação da Fondation du Patrimoine Afro-Brésilien au Bénin (FPA-B). Sob a égide dessa fundação, de 12 a 15 de fevereiro de 2014 foi organizado um encontro que teve a participação ativa de Omaldo C. Oliveira, então embaixador do Brasil no Benim, grande admirador de Alberto, com a presença de representantes das famílias agudás e de dois eminentes pesquisadores da UFBA: Luis Nicolau Parés e Lisa Earl Castillo. Os resultados desse encontro foram publicados em 2018 no livro *Contribution à l’étude des patrimoines*

13 Luis Nicolau Parés, *Joaquim de Almeida: a história do africano traficado que se tornou traficante de africanos*, São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

familiaux aguda au Bénin.¹⁴ A obra teve grande sucesso e os quinhentos exemplares impressos foram rapidamente vendidos. Uma segunda edição está em curso, e agora está planejada uma edição em português.

Meu imenso sentimento de gratidão

A associação de Mariza e Luis às pesquisas em curso no Benim prolongam, em certa medida, as iniciativas e apoio dados por Alberto a essas colaborações acadêmicas entre esses dois países que partilham o patrimônio histórico decorrente do tráfico negreiro e da escravidão. Sem estar fisicamente presente em todos os eventos, ele seguia de perto nossas atividades e apreciava os resultados, falando sobre eles nas inúmeras vezes que estive no Rio de Janeiro. Não apenas me felicitava, mas me honrava com iniciativas pelas quais serei sempre reconhecido. À guisa de conclusão, eu me contento em evocar dois exemplos significativos. Em maio de 2014 fui convidado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) para participar da Semana da África, organizada por professores e estudantes dessa universidade. Apesar de sua saúde frágil, Alberto fez questão de presidir pessoalmente a sessão sobre as dimensões transatlânticas da história africana, da qual participei. E mais, organizou para mim, durante aquela estada no Rio de Janeiro, uma entrevista a ser publicada na *Revista de História da Biblioteca Nacional* (n. 108, 2014), na qual falei sobre minha pesquisa e meu interesse pelo Brasil. O segundo exemplo da grande honra que me concedeu tem a ver com sua indicação para minha admissão como membro correspondente estrangeiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 2014. Meus recursos financeiros não me permitiram ir ao Rio para a cerimônia solene de acolhimento, mas meu nome está gravado nos registros do Instituto. Antes de mim apenas um

14 Alexis Adandé, Lisa E. Castillo, Didier Houénoué, Luis Nicolau Parés e Élisée Soumonni (orgs.), *Du Brésil au Bénin: contribution à l'étude des patrimoines familiaux aguda au Bénin*, Cotonou: Les Editions Plurielles, 2018.

outro membro correspondente da África negra fora admitido, Christophe Wondji, historiador da Costa do Marfim, falecido em 2015.

À vista de tudo que foi dito, se compreenderá facilmente a escolha e o sentido do título deste depoimento. Minha tristeza foi grande quando Mariza me anunciou seu falecimento. Ainda hoje me é difícil pensar que ele se foi definitivamente. O consolo, para mim e para todos que o amaram, é que ele era uma luz. E luzes como Alberto da Costa e Silva não se apagam jamais!

doi: 10.9771/aa.v0i70.65872